

# A Rio + 20 e o politicamente correto na Energia

Felizmente, a Rio + 20 está trazendo a discussão a realidade e o pragmatismo.

O cenário da crise econômica mundial, a ausência dos principais possíveis “pagadores da conta” na Conferência e a visão de que precisamos fazer melhor incorporando o ser humano no centro da discussão dão o tom deste importante evento. Apesar da série de reportagens sobre a energia na semana que antecedeu a Rio +20 procurar mostrar a visão “politicamente correta”, o tom da Rio + 20 é de incorporar a dimensão não enfatizada nas matérias, que é a inclusão social. As matérias mostraram as mazelas das diversas formas de energia, enfatizando muito pouco o lado positivo das fontes hidráulica, nuclear e carvão. Ficou pouco claro como vamos fazer para atender os 1,3 bilhões de pessoas que não têm energia no mundo, e nem tão pouco foi dito que precisaremos usar todas as fontes disponíveis para ajudar na inclusão social do 2,6 bilhões que estão na pobreza. O que vimos foi tratamento brando as fontes solar e eólica.

A verdade é que não existe fonte que não cause impacto ambiental. O nosso dever é reduzir esse impacto, ou seja, gerar mais com menos impacto. No caso do carvão, o que mais chocou na reportagem foi a famosa imagem de uma criança loira com rosto sujo de preto – imagem tradicionalmente usada por ambientalistas do mundo em campanhas contra o carvão, brincando em uma área de depósito de rejeito antigo que ainda não foi recuperada por estar em litígio judicial. A imagem mostrou uma favela - na realidade uma das muitas invasões de terra da região de Criciúma/SC. Quando a equipe de reportagem veio a região lhes foi mostrado o trabalho hercúleo das empresas carboníferas em recuperar o passivo ambiental e as técnicas modernas de mineração com mínimo impacto ambiental, mas nada foi publicado, demonstrando o direcionamento da matéria contra o combustível fóssil. A reportagem "esqueceu" de salientar que existem favelas na região de Criciúma (uma das regiões mais pobres de Santa Catarina) porque um dos indutores de emprego e renda, a indústria do carvão não pode contribuir para sua erradicação porque está impedida de desenvolver projetos de geração de energia por conta do estigma do Governo Federal e de sua política de Mudanças Climáticas.

Enquanto houver a dicotomia de energia suja (todas são) e limpa (todas podem ser menos sujas), num sistema em que as fontes energéticas são complementares e parceiras, estaremos trazendo a Sociedade contra o setor elétrico, aumentando o custo da energia e reduzindo a competitividade do Brasil. Como tem afirmado a nossa Ministra do Meio Ambiente “é necessário acabar com a utopia ambiental”. É necessário tratarmos os problemas com maturidade, técnica e fazer contas dos impactos das políticas públicas na Sociedade Brasileira. As ondas “politicamente corretas” vindas do exterior e

incorporadas por segmentos da mídia e de alguns políticos, nem sempre são as melhores para o nosso País. O carvão estigmatizado é o combustível que vem ajudando a reduzir a pobreza sendo o energético que mais cresce no mundo. No Brasil, onde é o maior recurso energético (67% do total), não pode ser tratado com desleixo. Temos a certeza após a Rio + 20, com o conceito do politicamente correto incorporando a inclusão social, todos os formadores de opinião irão contribuir para que a Sociedade tenha um julgamento imparcial do setor energético brasileiro.

Para o Brasil continuar crescendo e acabando com favelas como a mostrada na reportagem é necessário duplicar a geração de energia até 2030 e incluir fontes que produzem energia firme, como o carvão, que são vitais para nossa segurança energética.

Eng. Fernando Luiz Zancan

Presidente da ABCM

15 de junho de 2012.